

OS PATRONOS

MÁRIO DA SILVEIRA

Há dias, o Milton falou-me do seu inesquecível irmão e meu bondoso amigo Mário da Silveira, o jovem e belo poeta que a morte arrebatou, numa bárbara cena imprevista, há anos, no dia de amanhã, às primeiras horas da noite.

Eu, que dirijo, nos meus arrojados sonhos, o meu espírito, o meu destino, a minha própria vida para o futuro, parei um pouco apenas, sem recuar, porque não está escrito na nossa ação constante, em perene luta acesa, recuos, quase sempre de efeitos desastrosos, e fiquei pensando no passado do poeta morto em pleno esplendor da mocidade cheia de tantos encantos, tanta esperança no porvir que sonhara glorioso, para todo o sempre completamente perdido.

Os destinos têm contrastes tremendos de injustiças que aterram. Glorificam uns, e pesam sôbre outros, numa fôrça cega e inconsciente, com a fatal imperiosidade de um anátema, dissera, mais ou menos, um orador daquela época, diante do seu túmulo aberto.

É assim mesmo. Ninguém poderia expressar isto com tanta precisão de têrmos.

Foi avêssô ao meu amigo, foi rude, amargo demais, o destino.

Newton Craveiro perguntou-me, certa vez: "Sabes quem matou o Mário?"

Fiquei calado algum tempo, pela esquisitice da pergunta inesperada.

E êle continuou: "Foi o riso. Foi aquêle riso dêle..."

Verdade é que o riso claro e aberto de Mário da Silveira tinha um misto de ironia e piedade, de resignação e... surda revolta. Talvez tenha concorrido bastante para o seu trágico desenlace. Mas não foi somente o riso. Quem o matou, mais que o riso, foi o amor!

Êle amava demasiadamente, e a vida, cá na terra, tão cheia de ódios e covardias inenarráveis, não o pôde suportar mais.

Escrevera Sales Campos: "É certo, desgraçadamente, que o mundo moderno não permite o aparecimento anacrônico dêsses cavaleiros errantes da beleza, cujas plantas muito finas se laceram e maculam no terreno árido e cheio de arestas das realidades comuns."

Intelectuais patricios, em grande número, tiveram por êle verdadeira admiração e sincera amizade que cultuam até hoje, e cultuarão mais ainda para diante.

Uma noite, encontrando-me com Júlio Maciel, comecei a conversar, como de costume, e, em meio à palestra, lembrei-me dêle, se é que já algumas vêzes saiu da minha lembrança, e tive, junto ao esplêndido poeta, uma idéia inédita. Disse-lhe: "Júlio, vamos, agora mesmo, fazer uma visita ao Mário?"

Olhou-me e não se fêz esperar, dizendo-me: "Vamos".

E fomos, na calada da noite, pelas largas ruas desertas.

O lado esquerdo do muro do cemitério, naquele tempo, era baixo. Passamos por cima sem muita dificuldade, e, depois de alguns minutos, estávamos no terceiro plano, onde inda descansava um pouco das fadigas da agitada vida que levou, nos poucos anos que vivera.

Uma sepultura humilde, uma cruz, com seu nome e data do passamento, era tudo que se via do poeta da *Coroa de Rosas e de Espinhos*.

O luar, manso e triste, punha em tôdas as coisas, nos túmulos brancos ao longe, nos morros claros, ainda mais distantes, um esquisito tom fulgurante de vidrilho velho.

Ficamos ali, algum tempo, e não me recordo mais se rezamos, ou se recitamos alguns dos seus grandes versos, como costumávamos fazer quando êle vivia.

Em caminho, antes de sairmos da “Cidade Silenciosa”, Júlio Maciel, com aquela voz medida, sentenciosa e severa, disse-me esta frase que ficou guardada no meu ouvido para sempre:

“Nós nunca teremos uma visita assim.”

Não me recordo se falei depois que o ouvi. Parece-me que fiquei sem pronunciar qualquer palavra.

Saímos vagarosamente.

O luar, brando, ainda dourava tudo.

Tempos depois, lá voltei algumas vêzes, com outros amigos, mas, a última, não o encontrei. Estava deserto o lugar da sua cova.

Indagando do que tinha acontecido, soube, mais tarde, que a mão piedosa e boa da velhinha que o tinha acabado de criar, e o chamava de filho, o havia levado para juntar aos seus, num túmulo da família, bem pertinho da “Capela do Campo Santo”, onde mais tarde, com a sua morte, ficaria também mais perto dêle, pois o havia muito amado na vida.

Foi a verdadeira mãe que conheceu.

Que Deus sempre se lembre dela, é o desejo do autor destas linhas escritas num preito de saudade e recordação sinceras, a quem não teve completo repouso, nem mesmo depois da morte.

Em 21 de julho de 1936.

SIDNEY NETTO